

OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NUMA TURMA DO 1º ANO DE ESCOLARIDADE

THE GENDER STEREOTYPES IN A 1ST GRADE CLASS

Recebido em: 15 de abril de 2023
Aprovado em: 23 de junho de 2023
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RCO | a. 15 | v. 2 | p. 03-21 | jul./dez. 2023
DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3390>

Patrícia Lisboa patriciaraquel.adl@gmail.com

Mestre em Educação Pré-Escolar e ensino do primeiro ciclo.
Educadora de infância e aluna do Politécnico de Leiria (Leiria/Portugal).

Maria João Sousa Pinto Santos m.joao.santos@ipleiria.pt

Doutora em Estudos da Criança, área do conhecimento - Psicopedagogia da Criança pela Universidade de Minho (Minho/Portugal). Professora Adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências do Instituto Politécnico de Leiria e na Escola Superior de Educação de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra (Coimbra/Portugal).

Hugo Menino hugo.menino@ipleiria.pt

Doutor em Formação de Professores pela Universidade de Extremadura (Badajoz/ Espanha).
Professor Coordenador no Instituto Politécnico de Leiria (Leiria/ Portugal).

RESUMO

O presente estudo, que se enquadra no paradigma qualitativo, de natureza descritiva e interpretativa, foi realizado no âmbito da Prática Pedagógica desenvolvido numa turma do 1º ano do 1º CEB, incidindo sobre a área da Cidadania. Com este estudo procurou compreender-se que estereótipos de género eram evidenciados por alunos de uma turma do 1º ano de escolaridade e se estes estereótipos poderiam sofrer influência de atividades de desconstrução de papéis de género com recurso a personagens e heróis de histórias e filmes para a infância. Assim, recorrendo a um conjunto de atividades – leitura e discussão da história “O Jaime é uma sereia”, visualização e discussão de excertos dos filmes “Como treinares o teu dragão” e “Brave – Indomável” com atribuição de características ao género feminino e masculino e leitura e discussão da história “As raparigas também podem...”, procuramos desconstruir alguns dos estereótipos que encontramos na nossa primeira entrevista, sendo estes estereótipos de papéis de género e de traços de género. Os resultados obtidos permitem-nos concluir que existem efetivamente estereótipos de género por parte das crianças, sendo os rapazes os que mais demonstram estereótipos. Por sua vez, embora as atividades implementadas tenham tido algum impacto, não modificaram de forma significativa os estereótipos apresentados inicialmente.

Palavras-chave: Estereótipos, Género, Estereótipos de género, Igualdade de género.

ABSTRACT

This study, which is framed within the qualitative paradigm, descriptive and interpretive in nature, was conducted within the scope of the Pedagogical Practice developed in a 1st grade class of the 1st CEB, focusing on the area of Citizenship. This study aimed to understand which gender stereotypes were evidenced by students of a 1st grade class and if these stereotypes could be influenced by activities of deconstruction of gender roles using characters and heroes of children’s stories and movies. Thus, using a set of activities - reading and discussion of the story “Jaime é uma sereia”, viewing and discussion of excerpts of the movies “How to train your dragon” and “Brave” with attribution of characteristics to female and male gender and reading and discussion of the story “As raparigas também podem...”, we tried to deconstruct some of the stereotypes that we found in our first interview, being these stereotypes gender roles and gender traits. The results obtained allow us to conclude that there are indeed gender stereotypes on the part of the children, with boys being the ones who show the most stereotypes. In turn, although the implemented activities had some impact, they did not change significantly the stereotypes initially presented.

Keywords: Gender, Gender stereotypes, Gender equality, Gender stereotypes, Gender equality.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Cardona et al. (2011), as questões de gênero são um assunto atual que deve ser tratado com as crianças não só pela família, mas também pela escola, uma vez que fazem parte do seu cotidiano. Devido à sua transversalidade, a abordagem destas questões acaba por ser desvalorizada, reprimidas e/ou ignoradas pelos docentes, por ser difícil desenvolver um trabalho educativo sustentado apenas nas questões de gênero. Muitas vezes esta desvalorização passa mesmo pela falta de informação e/ou formação ou pelo possível conflito com as famílias (Cardona, 2015).

Deste modo, é preciso que o tema seja abordado, principalmente no que diz respeito aos estereótipos e igualdade de gênero, para que não venham a reproduzir preconceitos relacionados com as expectativas culturais que lhes são transmitidas pelos adultos que possam influenciar futuramente as suas escolhas de forma negativa, tornando-se fundamental “promover uma atitude mais crítica por parte do/as docentes, a escuta dos seus alunos e alunas” (Cardona, 2015, p.67).

O estudo que se apresenta foi realizado ao longo da Prática Pedagógica levada a cabo numa turma do 1º ano do 1º CEB. Através do mesmo, que se enquadra no paradigma qualitativo, de natureza descritiva e interpretativa (Fortin, 1999; Coutinho, 2006; Bogdan & Biklen, 1994), procurou compreender-se que estereótipos de gênero eram evidenciados por alunos de uma turma do 1º ano de escolaridade e se estes estereótipos poderiam ser influenciados pela realização de uma sequência de atividades de desconstrução de papéis de gênero com recurso a personagens e heróis de histórias e filmes para a infância. Para isso definiram-se os objetivos: (1) identificar os estereótipos existentes dos alunos antes, durante e após a implementação de um conjunto de atividades; (2) analisar as possíveis mudanças de estereótipos de gênero após a realização das atividades; (3) compreender em que medida um conjunto de atividades pode contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero.

2 DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

As crianças, desde os primeiros anos de vida, desenvolvem a sua identidade, tentando entender quem são no mundo, muito pela interação com os seus educadores. Assim, ainda anteriormente à fase pré-verbal da primeira infância, antes de desenvolver a sua expressão de gênero, é imperativo que a criança desenvolva a sua própria identidade (Cardona et al. 2011).

Este desenvolvimento da identidade dá-se através do autoconceito, momento em que a criança começa a ser capaz de descrever e avaliar as suas capacidades e traços. O autoconceito está diretamente ligado à autodefinição, já que esta reflete a fase do autoconceito em que a criança se encontra,

definindo-se como o conjunto de características usadas para descrever a própria pessoa, tratando-se de representações únicas e declarações unidimensionais como “eu gosto de azul”. Por volta dos 5/6 anos a criança entra numa segunda fase – associação representativa – sendo capaz de fazer associações lógicas, podendo existir duas características ao mesmo tempo: “corro rápido e subo alto” (Papalia e Martorell, 2022).

Stengel (2001) analisa a perspectiva psicanalítica de Freud e, a partir dela, afirma que é a partir dos processos de identificação e do complexo de Édipo que a criança irá desenvolver a sua identidade sexual, ou seja, a consciência de ser homem ou ser mulher, que irá formar a base para o desenvolvimento da identidade de gênero. O complexo de Édipo é um ponto fundamental na teoria psicanalítica, traduzindo-se na ideia de que a criança deseja o progenitor do sexo oposto, percebendo o progenitor do mesmo sexo como seu rival (Stengel, 2001). Desta maneira a criança vai compreendendo os lugares de cada membro da família, normatizando a sua sexualidade, definindo regras, papéis e comportamentos. Essencialmente, a criança “aprende as regras sexuais embutidas nos termos da linguagem que designam a família e os parentes” (Rubin, 1993, p.16, citado por Stengel, 2001, p. 120).

Desta forma, podemos afirmar que esta rivalidade com um dos progenitores e o desejo pelo outro é um processo de permite à criança identificar-se com um dos gêneros, os seus papéis e características, que neste caso será o progenitor que vê como seu rival, querendo assumir para si esses mesmos papéis, correspondentes a um dos gêneros, iniciando-se assim a construção da identidade de gênero. Esta identidade de gênero caracteriza-se como “um processo complexo de definições sociais recebidas e perfeccionadas que implicam a tomada de consciência individual da pertença (ou não) a uma categoria de gênero e o desenvolvimento de atitudes para com os grupos de gênero” (Duarte, 2021, p.262). Trata-se de um fenômeno de evolução das ideias, onde o assento biológico se deslocou da biologia para a cultura, da anatomofisiologia para a sociopolítica, do sexo corporal para o sexo cerebral (Matos, 2019).

É no fundo, uma experiência individual e particular pela busca de um eu estável ou de um senso pessoal de mesmo, relacionando-se com a forma como a pessoa se vê e sente, podendo esta corresponder ou não ao sexo atribuído à nascença (Weber, 2019; World Health Organization, 2021).

3 GÊNERO, PAPÉIS E ESTREÓTIPOS

3.1 – GÊNERO, SEXO E ORIENTAÇÃO

Para Trigueros et al. (1999), o termo gênero inclui as características socialmente consideradas como sendo próprias de homens ou mulheres. Já o termo sexo considera aspetos relacionados com as diferenças biológicas associadas a cada uma das categorias sexuais. A mesma ideia é defendida por Neto et al. (1999) que assumem a posição de Deaux (1985) utilizando o termo sexo como referência às características biológicas associadas a cada uma das categorias sexuais e o termo gênero em referência às características psicossociais, como traços de personalidade, atitudes, comportamentos, etc., que são frequentemente associadas às categorias biológicas definidas como feminino e masculino. O gênero construir-se-ia, portanto, em função de uma série de crenças e valores que mudam de sociedade para sociedade.

Em concordância com estas duas visões, Cardona et al. (2011) e Soares (2017) acreditam igualmente que o termo sexo é utilizado para distinguir os indivíduos com base na sua presença a uma das categorias biológicas – sexo feminino ou masculino, remontando às suas diferenças anatômicas e biológicas. Em contrapartida o termo gênero é uma construção social, onde inferências e significados são atribuídos a alguém - comportamentos e características incumbidos a ambos os sexos - a partir do conhecimento que adquirimos enquanto sociedade referente à sua categoria sexual de pertença.

Anastácio (2021) aponta novamente para a interação entre o termo gênero e o termo sexo, relembando as suas diferenças que vão ao encontro dos autores mencionados anteriormente, realçando as variações existentes entre o sexo feminino e masculino, designando-as como intersexo. O termo é utilizado para definir indivíduos que nascem com variações naturais das características biológicas ou fisiológicas que não se enquadram nas definições normativas. Coimbra de Matos (2019), alerta neste mesmo sentido para o facto de não existirem apenas quatro categorias de gênero – feminino, masculino, indeterminado e neutro – mas também transgêneros e transexuais.

3.2 PAPÉIS E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Os papéis de gênero definem-se como um conjunto de normas de ação e comportamentos associados a homens e mulheres, classificados como tipicamente masculinos e femininos (Duarte, 2021).

Estes, nas palavras de Lipman-Blumen (1984), citado por Trigueros (1999),

(...) englobam todas as expectativas culturais, associadas à masculinidade e feminidade, que ultrapassam o âmbito das diferenças biológicas de sexo e representam uma conceptualização mais complexa do que dos papéis de sexo. Deste modo, os papéis de género abarcam a intrincada mescla de comportamentos sociais e psicológicos, atitudes, normas, valores a que a sociedade dá o nome de masculino e feminino. (p.3)

Nunes (2007) referido por Cardona et al. (2011), argumenta que os papéis sociais de género apresentam a mesma simetria difundida pelos estereótipos de masculinidade e de feminilidade. Na maior parte dos casos, os traços definidos como masculino traduzem-se em competências associados ao trabalho, já os traços definidos como femininos traduzem-se em sentimentos associados à esfera do social e afetivo.

Esta afirmação pode confirmar-se quando nos damos conta de que os traços normalmente avaliados como positivos para as mulheres são características como ser afetuosa, meiga e sensível, enquanto no caso dos homens os descrevemos como independentes, empreendedores e audaciosos (Amâncio, 1994).

Os estereótipos de género advêm da definição de papéis de género, estando expostos a estes desde o momento em que, ainda na gestação, é identificado o nosso sexo biológico. Os pais e/ou outros familiares que rodeiam a criança preparam o espaço para a receber com roupas, cores e brinquedos que se enquadram nos estereótipos de género que eles próprios vivenciam na sociedade em que vivem – roupas cor-de-rosa para as meninas e azuis para os meninos; às meninas oferecemos bonecas e aos meninos oferecemos carrinhos - acabando por ser os primeiros a proliferar, mesmo que inconscientemente essas “normas sociais” que incluem comportamentos e juízos de valor.

No caso particular do género, os estereótipos são uma imagem interposta entre o indivíduo e a sociedade (Margarido, 2006), citado por Soares. 2016) que se relacionam com as crenças amplamente partilhadas pela sociedade sobre o significado de ser homem ou mulher (Cardona et al., 2011). Como diz Basow (1992), estes estereótipos apresentam um forte poder normativo, pois assumem não só uma função descritiva das características de cada um dos géneros como uma visão prescritiva do comportamento correto a adotar, veiculando normas de conduta.

Neste sentido, os estereótipos de género são generalizações preconcebidas sobre o comportamento masculino e feminino, aparecendo em crianças com 2 ou 3 anos e aumentando durante os anos pré-escolares atingindo o seu máximo aos 5 anos de idade (Campbell et al., 2004; Ruble & Marton, 1998, citado por Papalia & Feldman, 2013).

Na visão de Neto et al. (1999) existem duas subdivisões – uma veiculada aos que os homens e mulheres devem “ser” (traços de género) e outra ao que devem “fazer” (papéis de género). Estas duas subdivisões seriam indissociáveis, na medida em que se podem estabelecer relações entre ambas. Um

exemplo prático seria a necessidade de se ser carinhoso e sensível para se ser cuidador de crianças ou forte para efetuar trabalhos de construção.

Conclui-se, portanto, e tendo em conta as palavras de Anastácio (2021), que o problema da discriminação ligada aos estereótipos de gênero não está no sexo com que se nasce, mas sim no gênero com que o indivíduo se identifica uma vez que a sociedade e julga o papel do indivíduo de acordo com o seu sexo.

4 OBJETIVOS

- (1) Identificar os estereótipos existentes dos alunos antes, durante e após a implementação de um conjunto de atividades;
- (2) Analisar as possíveis mudanças de estereótipos de gênero após a realização das atividades;
- (3) Compreender em que medida um conjunto de atividades pode contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero.

5 METODOLOGIA

Determinou-se que a presente investigação se enquadra no paradigma qualitativo, de natureza descritiva e interpretativa (Fortin, 1999; Coutinho, 2006; Bogdan & Biklen, 1994).

5.1 PARTICIPANTES

O estudo foi realizado durante a PP em 1ºCEB I numa turma do 1º ano de escolaridade, no ano letivo de 2021/2022, sendo a população uma turma com quinze anos, de onde foi retirada uma amostra por conveniência de seis alunos – três do sexo feminino e três do sexo masculino.

5.2 INSTRUMENTOS

As técnicas e instrumentos de recolha de dados são escolhidos com base no paradigma de investigação a utilizar (Bogdan & Biklen, 1994). Desta forma, os dados foram recolhidos através de instrumentos como a observação direta e participante, as entrevistas, e registos de áudio tanto das entrevistas como das atividades realizadas em sala de aula. A entrevista foi de natureza semiestruturada, pois, embora houvesse questões estruturadas, nas quais era necessário a escolha de uma opção, houve

também espaço para questões colocadas pela investigadora que surgiram no momento, pelo interesse de compreender melhor a escolha/resposta dos participantes. A entrevista foi composta por seis questões, organizadas em dois blocos distintos.

A metodologia escolhida para a análise dos dados recolhidos (transcrições de entrevistas e das atividades implementadas) foi a análise de conteúdo dada a extensa quantidade de informação recolhida, que levou à necessidade de a organizar e reduzir de maneira a facilitar a sua interpretação feita através de inferências do investigador sobre os dados obtidos com base na fundamentação teórica existente. A análise das entrevistas foi feita pergunta a pergunta analisando as resposta e justificações de dois grupos distintos – raparigas e rapazes. A análise das atividades foi dividida em três categorias de acordo com os objetivos investigativos apresentados na tabela I, sendo as mesmas (1) preferências da criança em relação às características físicas e de traços de personalidade; (2) relação entre as preferências e os estereótipos de género e (3) estereótipos de traços e de papéis de género. Para cada categoria foram retirados excertos das transcrições de gravações de áudio que fossem possíveis de analisar à luz das categorias definidas.

6 RESULTADOS

As entrevistas, iguais tanto no início como no final da investigação, foram compostas por dois grupos de perguntas: o primeiro grupo é constituído pelas questões: “De todas estas imagens qual é a que mais gostas?”, “Qual é a que gostas menos?” , “Com qual das imagens te achas mais parecido?” e “Qual destas personagens gostavas de ser?”; o segundo grupo de questões é constituído pelas questões “Coloca um X na personagem a que achas que corresponde cada característica.” e “Faz o mesmo para estas personagens.”. Os objetivos de cada pergunta podem ser observados na tabela seguinte (Tabela I). Foram utilizadas personagens com características tipicamente masculinas, tipicamente femininas e não-binárias. Para o último grupo de questões foram escolhidas características de personalidade com base no mesmo critério.

Fases do Estudo	Atividade realizada	Objetivos investigativos
1ª fase	Aplicação da entrevista inicial	<ul style="list-style-type: none"> Identificar os estereótipos de gênero dos alunos.
2ª fase	Atividade 1: <ul style="list-style-type: none"> Leitura da história: "O Jaime é uma sereia"; Discussão sobre a história; Observação de fotos de personagens com expressão de gênero masculina e feminina e discussão das mesmas. 	<ul style="list-style-type: none"> Compreender que traços de personalidade, ações e gostos não definem o gênero de alguém; Compreender que ocupações e atividades podem ser praticadas por qualquer pessoa independentemente do gênero; Compreender o conceito de igualdade de gênero.
	Atividade 2: <ul style="list-style-type: none"> Discussão de características femininas e masculinas; Visualização de excertos do filme "Brave-In-domável" e "como Treinares o Teu Dragão"; Comparação de concepções sobre as características após o visionamento dos excertos. 	
	Atividade 3: <ul style="list-style-type: none"> Leitura do livro: "As raparigas também podem... Os rapazes também podem..."; Discussão sobre a história; 	
3ª fase	Aplicação da entrevista final	<ul style="list-style-type: none"> Identificar possíveis mudanças nos estereótipos de gênero apresentados pelos alunos.

Tabela I: Fases e objetivos da investigação

Em termos investigativos este estudo teve 3 fases muito distintas. Na primeira fase foi realizada uma entrevista inicial. Num segundo momento procedemos à implementação das propostas pedagógicas (descritas na tabela I), com a duração de 4 semanas e num terceiro momento realizamos novamente a entrevista. Vamos neste trabalho usar esses 3 momentos e falar sobre os principais resultados obtidos.

6.1 ENTREVISTAS INICIAIS

As primeiras duas questões efetuadas na entrevista "De todas estas imagens qual é a que mais gostas? Consegues dizer-me porquê?" e "Qual é a que gostas menos? Consegues dizer-me porquê?" têm como objetivo identificar as preferências da criança em relação às características físicas e de traços de personalidade, compreender o porquê destas preferências e se estas se relacionam com algum estereótipo de gênero, tentando entender se foi de facto possível concluir os objetivos a que me proponho encontrando estereótipos de gênero.

Assim, Relativamente à pergunta "De todas estas imagens qual é a que mais gostas?" conclui-se que todos os rapazes incluídos no estudo elegeram o Super-Homem como a personagem de que

mais gostam, escolha concordante com os estereótipos de gênero masculinos. As raparigas escolhem o Super-homem, a Bela e da Dr^a. Brinquedos, escolhas maioritariamente concordantes com o estereótipo de gênero.

Em resposta à questão “Qual é a que gostas menos?” Foi possível identificar um certo padrão de escolhas no campo feminino: a criança que elegeu anteriormente a Dra. Brinquedos como a sua favorita, escolhe agora o Super-Homem como a personagem que menos gosta, sendo esta uma escolha concordante com os estereótipos de traços de gênero. Já a criança que elege o Super-Homem como a personagem que mais gosta, escolhe a Bela como a que menos gosta. Isto revela escolhas totalmente opostas em termos de traços, ou seja, se preferem traços femininos, desapreciam traços masculinos e vice-versa. Considero interessante o facto de a criança que nomeou o Jaime como personagem que menos gosta, o ter feito por este não corresponder ao que esta espera que seja uma sereia e não tanto por considerar a possibilidade de este ser um menino que deseja ser uma menina.

Relativamente aos rapazes, estes selecionaram a Dra. Brinquedos, o Jaime e a Mulan como as personagens que menos gostam. É possível ver um padrão similar ao anterior. Uma das crianças que elegeu o Super-Homem como sua personagem favorita, uma personagem do gênero masculino com características tipicamente masculinas elegeu a Dra. Brinquedos como personagem menos favorita, uma personagem do gênero feminino, com características tipicamente associadas ao gênero feminino relevando-se, uma oposição de traços, concordante com os estereótipos de gênero masculino. A segunda criança escolheu o Jaime, uma personagem não-binária, com características tipicamente femininas. Esta escolha pode indicar um certo conflito na criança, por existir uma personagem com um nome masculino que não possui traços masculinos, contrariamente à personagem que elegeu como a que mais gosta, considerando-a assim como uma escolha não estereotipada, uma vez que a criança foi capaz de olhar além do gênero que atribui à personagem (chama-se Jaime por isso é um menino). A última criança escolhe a Mulan como personagem que menos gosta, podendo significar um conflito parecido com o anterior, mas relativamente a uma personagem vista pelas crianças como feminina, relevar traços tipicamente masculinos. Por esse motivo parece-nos que esta escolha é concordante com os estereótipos de gênero.

As duas questões seguintes efetuadas na entrevista “Com qual das imagens te achas mais parecido? Consegues dizer-me porquê?” e “Qual destas personagens gostavas de ser? Consegues dizer-me porquê?” têm como objetivo identificar o gênero/expressão de gênero com o qual a criança se identifica, as características físicas e os traços de personalidade com as quais a crianças se identifica e as preferências das características escolhidas pela criança.

Em relação à questão “Com qual das imagens te achas mais parecido?” percebemos que todos os rapazes elegeram o Hero como a personagem com que se consideram mais parecidos. No caso das raparigas cada uma escolheu uma personagem diferente – Bela, Fada Desastrada e Mulan. No caso da escolha da Mulan, esta é vista neste estudo como não-binária, o que me leva a julgar a escolha da aluna como não estereotipada, dado que a escolheu pelas suas capacidades e não pelo gênero que lhe atribui.

À pergunta “Qual personagem gostarias de ser?” verificámos que um dos rapazes escolheu o Super-Homem como personagem que gostaria de ser, elegendo a mesma personagem que disse ser a que mais gosta. Os dois rapazes restantes optaram pelo Hero, personagem que também consideraram como aquela com que se acham mais parecidos. Esta escolha reflete o que é o padrão de beleza. No que concerne ao gênero feminino, apenas uma escolheu uma personagem que se relaciona com as suas escolhas anteriores – a Dra Brinquedos, que foi também eleita como a personagem de que mais gosta. As duas raparigas restantes escolheram o Super-Homem e o Hero. A criança que elegeu o Super-Homem, justificou a sua escolha como gostando de Super-heróis, como a LadyBug, ou seja, há uma motivação relacionada com uma personagem feminina envolvida. A criança que escolheu o Hero fê-lo por se rever os seus gostos na personagem.

As duas últimas questões efetuadas na entrevista, “Coloca um X na personagem a que achas que corresponde cada característica.” e “Faz o mesmo para estas personagens.”, têm como objetivo identificar estereótipos de traços e de papéis de gênero e compreender se os possíveis estereótipos estão associados ao gênero, à expressão de gênero ou a ambos.

Neste grupo de questão, foi possível observar que em resposta à questão “Coloca um X na personagem a que achas que corresponde cada característica.”, os rapazes são os que demonstram mais estereótipos de traços de gênero quando comparados com as raparigas. Por fim, no que diz respeito à pergunta “Faz o mesmo para estas personagens.” são novamente os rapazes que demonstram mais estereótipos de traços de gênero.

6.2 IMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES – MONITORIZAÇÃO DAS IDEIAS ESTEREOTIPADAS

De forma a realizar a análise de conteúdo das atividades realizadas com o grupo de crianças irei dividir a mesma de acordo com as categorias de análise já definidas: (1) preferências da criança em relação às características físicas e de traços de personalidade; (2) relação entre as preferências e os estereótipos de gênero e (3) estereótipos de traços e de papéis de gênero. Para cada categoria serão retirados pequenos

excertos das transcrições dos áudios gravados ao longo das atividades que respondam ao que a categoria pretende analisar, tentando que haja pelo menos um excerto por criança.

Categoria 1: Preferências da criança em relação às características físicas e de traços de personalidade

Início a análise da categoria 1 pela aluna A6. A A6 tem preferência por características físicas e traços de personalidade masculinos, uma vez que a mesma afirma que gostaria de ser um rapaz. Demonstra igualmente preferência por atividades associadas tipicamente ao gênero masculino, uma vez que diz gostar de jogar futebol e de outras atividades associada ao gênero masculino. Assim, podemos afirmar que as preferências da A6 estão fora dos estereótipos de gênero feminino.

Analiso em seguida a aluna B6. Embora tenhamos apenas uma participação da B6 que nos permita analisar as suas preferências físicas e traços de gênero, esta demonstra preferência por traços físicos e de personalidade femininos, por preferir que as suas máscaras tivessem desenhos de princesas, personagem associada ao sexo feminino, encaixando-se a própria nos estereótipos de gênero femininos.

Da análise com o aluno D6, percebemos que este tem alguma preferência por traços físicos e de personalidade associados ao gênero feminino, pelo seu gosto por brincar com bonecas e por gostar de pintar as unhas. Desta forma, o D6 não corresponde à maioria dos estereótipos de gênero masculino.

Seguidamente analiso o aluno G6. Este demonstra preferência por traços físicos e de personalidade associados ao sexo feminino, pelo seu gosto por brincar com bonecas e por pintar as unhas. Assim, o G6 não corresponde ao estereótipo de gênero masculino.

Fazendo uma análise geral dos dados apresentados, tendo em consideração que nesta categoria apenas foram avaliadas quatro das seis crianças, os dois rapazes apresentaram preferências que não correspondem aos estereótipos de gênero, enquanto apenas uma das duas raparigas demonstrou preferências que não correspondem aos estereótipos do seu gênero.

Categoria 2: Relação entre as preferências e os estereótipos de gênero

Para analisar a categoria 2 irei utilizar as análises mencionados na categoria anterior, dado que o objetivo é compreender o porquê das preferências referidas pelos alunos.

Relativamente à aluna A6, como mencionado em diversos momentos, é uma criança do gênero feminino que se identifica com traços de gênero masculinos. Prefere roupas com cores escuras, super-heróis a princesas, dinossauros a bonecas e brincar os rapazes no recreio. Chega mesmo a afirmar, no decorrer das várias atividades, que gostava de ser um menino. Esta forma de ser, pelo que me foi possível

perceber ao longo do estudo, sempre foi respeitada pela família, não havendo a tentativa de a contrariar. Assim, creio que as suas preferências são algo natural da sua personalidade, não fazendo parte da sua educação ideias estereotipadas de gênero.

A aluna B6 é uma criança do gênero feminino que se identifica com o esse mesmo gênero, bem como com todos os estereótipos de traços de gênero tipicamente femininos: gosta de vestidos, brilhantes, princesas, bonecas, tiaras e cores tipicamente associadas ao gênero feminino. Recorrendo ao excerto 4, e à razão que a levou a ser escolhida para este estudo, torna-se evidente que os estereótipos de gênero estão presentes na sua vida.

O aluno D6 é uma criança do gênero masculino que se identifica com esse mesmo gênero, contudo as suas preferências nem sempre se encaixam nos estereótipos de traços masculino, gostando de atividades e brinquedos tipicamente femininos – unicórnios, brincar com bonecas, etc. - e tipicamente masculinos – roupas escuras, super-heróis, etc. Embora no excerto 5 seja possível perceber que convive com alguns estereótipos de gênero no seu entorno social, o D6 não parece concordar com os mesmos o que significa que existe uma desconstrução destes estereótipos por parte deste, talvez pelos seus gostos pessoais não irem ao encontro destes estereótipos.

O aluno G6 é uma criança do gênero masculino que se identifica com esse mesmo gênero, contudo as suas preferências nem sempre se enquadram nos estereótipos de traços masculinos, gostando de atividades tipicamente associadas ao gênero feminino como pintas as unhas, algo que já fez diversas vezes, e brincar com bonecas. Ainda assim, a sua expressão de gênero é bastante masculina, gostando, portanto, de atividades tanto tipicamente femininas como tipicamente masculinas. Acredito assim, que não existam grandes estereótipos de gênero no seu entorno social, sendo livre para se expressar da forma que se sentir confortável.

Fazendo uma análise geral das preferências citadas, bem como dos estereótipos de gênero a que estas estão ou não ligadas, concluo que o entorno social das crianças, e principalmente os primeiros agentes sociais – a família – teve uma grande influência na construção das concepções estereotipadas.

Categoria 3: Estereótipos de traços e de papéis de gênero

Mais uma vez, início a análise com a aluna A6. A A6 não é uma aluna com ideias e opiniões que vão ao encontro de estereótipos de traços ou de papéis de gênero, pois afirma que todos podem fazer as atividades que quiseres, independentemente do seu gênero. Para além disso, percebo que a A6 passou por situações onde ela própria foi vítima de preconceitos associados aos estereótipos de gênero. Como já referido anteriormente, a A6 é uma menina fora da norma, que não se encaixa nos padrões associados

ao gênero feminino, chegando a afirmar que gostaria de ser do gênero oposto. Sendo os seus próprios gostos contrários ao que a sociedade espera de uma pessoa do sexo feminino vejo como natural que não possua poucos ou mesmo nenhuns estereótipos de traços e papéis de gênero.

Analiso em seguida a aluna B6. Esta demonstra não possuir opiniões que vão ao encontro de estereótipos de traços ou papéis de gênero, uma vez que afirma que todos podem ser o quiserem independentemente do gênero, bem como vestir a cor de que gostam. Embora a B6 tenha sido uma das crianças que impulsionou este estudo por ter referido que as máscaras com desenhos de dinossauros eram apenas para meninos, manifestando um estereótipo de traços de gênero, parece ter evoluído no decorrer das atividades realizadas.

Segue-se a análise do discurso da aluna N6. A N6 é uma aluna com opiniões e ideias que se encaixam dentro dos estereótipos de traços e de papéis de gênero. Em certos momentos é observável a sua dúvida e espanto ao perceber que uma personagem com um nome masculino gostar de sereias, um elemento normalmente associado ao sexo feminino, popularizado em filmes como "A pequena Sereia", uma princesa da Disney e em livros com ilustrações em que as sereias são tipicamente representadas como seres femininos, com longos cabelos, caudas brilhantes, coroas e roupas coloridas, onde normalmente predomina o cor-de-rosa. A N6 associa cabelo longo a algo feminino e, nesse sentido, alguém que deseja ter o cabelo longo é do gênero feminino, demonstrando mais uma vez os seus estereótipos de traços de gênero. Percebemos também que a N6 afirma brincar com carrinhos, um brinquedo associado ao estereótipos de traços de gênero, no entanto parece achar que brincar com algo associado ao gênero masculino fá-la pertencer ao gênero masculino, não conseguindo desassociar os seus estereótipos de gênero de um brinquedo, quase como se para si fosse mais plausível ser do gênero masculino quando brinca com carrinhos do que este ser um brinquedo com o qual o gênero feminino também pode brincar.

Após a implementação de duas atividades com o objetivo de desconstruir os estereótipos de gênero existentes, a N6 continua a manifestar estereótipos de traços de gênero no decorrer da última atividade, na qual a N6 começa por afirmar que há brinquedos só para meninas e só para meninos, embora já tivesse tentado desmistificar esta ideia anteriormente. Ao ser confrontada com a possibilidade de meninas brincarem com carrinhos e jogarem à bola e os meninos brincarem com bonecas e cozinhas, factos com as quais a mesma concorda, tenta encontrar algo que só as meninas possam fazer, afirmando que não podem vestir roupa de menino.

Seguidamente analiso o discurso do aluno D6. Compreendo que os estereótipos de traços de gênero do D6 estão em desconstrução. Por um lado, o D6 ainda apresenta estereótipos de traços de gênero ao declarar que há uma distinção entre roupas para meninas e para meninos, estereótipo que tentei

desconstruir desde a primeira atividade. Todavia, o mesmo afirma que apesar de haver esta distinção entre roupas cada um pode vestir o que quiser. Este é um estereótipo difícil de contornar quando em todas as lojas de roupa observamos a separação das roupas por seções com uma diferença gritante de cores e elementos decorativos. Contudo, embora o D6 reafirme esta distinção como algo normal, entende que independentemente disso, qualquer criança, seja menino ou menina pode dirigir-se à seção que mais gostar.

Analiso agora o discurso do aluno G6. Este demonstra opiniões e ideias que estão em desconstrução relativamente aos estereótipos de traços e papéis de gênero. Ao examinar o seu discurso percebo que existem estereótipos de traços e papéis de gênero na medida em que o G6 associa, cabelo curto ao gênero masculino, afirmando que se uma menina cortar o cabelo passa automaticamente a ser um menino. Outro estereótipo presente está ligado aos papéis de gênero já que se trata de um estereótipo associado a uma profissão – mecânico, referindo que é uma profissão apenas para meninos. Este estereótipo surgiu provavelmente das suas vivências, ou seja, por nunca ter visto uma mulher mecânica, já que ao mostrar-lhe imagens de mulheres a arranjar carros o G6 compreendeu que era algo que podia ser feito por qualquer pessoa. Contudo, é possível observar opiniões que vão contra os estereótipos de traços de gênero. O G6 aceita que um menino pode ser uma sereia se assim o quiser, afirmando que pode ser o que ele quiser, demonstrando entender que cada um pode ser o que quiser, independentemente do gênero. O mesmo acontece quando o G6 contraria a opinião de uma colega ao dizer que o tanto as meninas como os meninos podem ser carinhosos.

Por fim, analiso a participação do T6, na qual parece haver uma evolução nas opiniões do aluno, estando estas em desconstrução relativamente aos estereótipos de traços de gênero. O T6 começa por apresentar uma opinião que se enquadra nos estereótipos de traço de gênero ao referir que uma personagem com nome masculino parece uma menina por se estar a transformar numa sereia, elemento normalmente associado ao gênero feminino. Como já referido na análise do discurso da N6. Por outro lado, no final da mesma atividade o T6 defende a ideia contrária, ao dizer que o G6 continuaria a ser um menino mesmo que usasse roupas com cores e elementos normalmente associados ao gênero feminino, o que demonstra uma desconstrução dos seus estereótipos iniciais.

Fazendo uma análise geral dos estereótipos apresentados, percebemos que duas das três raparigas incluídas neste estudo não apresentam opiniões e ideias estereotipadas enquanto a terceira ainda parece ter opiniões condizentes com os estereótipos de traços de gênero. No caso dos rapazes todos manifestam no seu diálogo indícios de desconstrução de estereótipos.

6.3 ENTREVISTAS FINAIS

Neste ponto irei analisar os quadros referentes a cada uma das questões da entrevista final, comparando os resultados objetivos nesta entrevista com os resultados obtidos na entrevista inicial, identificando possíveis mudanças de estereótipos.

Pelas respostas dadas podemos observar que os rapazes mantiveram a sua opinião relativamente à personagem que mais gostam, continuando esta a ser o Super-Homem, resposta que condiz com os estereótipos de género masculinos. No que diz respeito às raparigas, duas mantiveram as suas respostas tendo em conta a entrevista inicial, continuando as personagens que mais gostas a ser o Super-Homem e a Bela. Já uma das raparigas alterou a sua escolha da entrevista inicial, onde elegeu a Dra. Brinquedos para a Bela, nesta entrevista, sem nenhum motivo muito particular. Uma vez que a sua escolha continua a ser uma personagem de género feminino com características tipicamente femininas, não foi uma alteração significativa para o estudo, continuando a ser os rapazes os detentores da maioria no que se refere a escolhas concordantes com os estereótipos de género masculinos.

No que diz respeito às entrevistas finais, as maiores mudanças de respostas ocorreram na questão “Qual é a personagem que menos gostas?”

No caso das raparigas, duas mantiveram a resposta dada na entrevista inicial elegendo novamente a Bela, e o Jaime. Já a terceira rapariga modificou a sua resposta, tendo passado de uma personagem tipicamente masculina concordante os estereótipos de género, para uma personagem feminina, com características concordantes com o estereotipo de género feminino.

No que concerne aos rapazes, apenas um manteve a resposta dada na entrevista inicial escolhendo novamente a Dra. Brinquedos como a personagem que menos gosta. Um dos rapazes alterou a sua escolha do Jaime, na entrevista inicial, para a Fada Desastrada, na entrevista final. A criança passou de uma escolha não estereotipada, para uma escolha estereotipada. Por fim, um dos rapazes alterou a sua resposta da Mulan, na entrevista inicial, para a Bela na entrevista final, elegendo agora uma personagem com características tipicamente femininas, ao contrário da escolha anterior. Embora esta mudança pareça relevante, a verdade é que a escolha da Mulan é considerada uma escolha estereotipada uma vez que o aluno não olhou além do género que atribui à personagem, considerando-a feminina. A sua mudança de opinião levou-o a escolher uma personagem que também se enquadra nos estereótipos de género.

Na questão “Com qual destas personagens te achas mais parecido?” percebemos que as respostas de todas as crianças se mantiveram iguais às da entrevista inicial, dando as mesmas justificações dadas na entrevista inicial.

Em relação à questão “Qual destas personagens gostavas de ser?” podemos observar que os rapazes mantiveram todas as respostas dadas na entrevista inicial, bem como as suas justificações, mantendo-se o Super-Homem como a personagem que mais gostam e a que gostariam de ser. Já nas raparigas houve duas alterações. A criança que tinha inicialmente colocado a Dra. Brinquedos como a personagem que mais gosta e aquela que gostaria de ser, elege agora a Bela para ambas as categorias. A criança que tinha elegido o Hero como a personagem que gostaria de ser, escolhe agora o Super-Homem, sendo agora esta a personagem

escolhida como a que mais gosta e a que gostaria de ser. Apesar das alterações de personagens, continuam a ser escolhas que se encaixam nos estereótipos das escolhas anteriores, não sendo alterações revelantes para o estudo. A última rapariga manteve a sua resposta inicial – o Super-Homem – bem como a justificação dada na entrevista inicial para a sua escolha.

No segundo grupo de questões, foi possível observar que em resposta à questão “Coloca um X na personagem a que achas que corresponde cada característica”, os rapazes são os que demonstram mais estereótipos de traços de género quando comparados com as raparigas, mesmo depois da intervenção. Por fim, no que diz respeito à pergunta “Faz o mesmo para estas personagens.” são novamente os rapazes que demonstram mais estereótipos de traços de género.

Tendo em consideração estes resultados a maioria das crianças não revelaram mudanças nas escolhas que fizeram relativamente à entrevista inicial. As que efetuaram mudanças nas suas escolhas, estas alterações não se mostraram significativas para a investigação, dado que continuavam a estar dentro dos estereótipos femininos ou masculinos da escolha anterior.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram evidenciados ao longo das entrevistas e das atividades implementadas estereótipos de papéis, e de traços de género tanto pelas raparigas como pelos rapazes, sendo os rapazes os que demonstram mais estereótipos tanto de papéis como de traços de género. Para concretizar esta ideia damos o exemplo da ideia do G6, que refere em uma das atividades que apenas os homens arranjam carros, caracterizando esta afirmação um estereótipo de papéis de género e a ideia de que entre a Bela e o Super-Homem apenas a personagem feminina é sensível, ou ainda a ideia da N6 de que rapazes não podem ser ou gostar de sereias, afirmações e escolhas que caracterizam os estereótipos de traços de género.

A análise dos dados foi feita olhando de forma geral para dois grupos distintos – os rapazes e as raparigas, de modo a compreender qual dos dois apresenta mais estereótipos. Nesta perspectiva, percebemos que as respostas às entrevistas foram similares, tanto na entrevista inicial como na entrevista final, sugerindo que os estereótipos de gênero apresentados inicialmente não foram significativamente alterados até ao final da intervenção, tendo o conjunto de atividades influenciado pouco na desconstrução dos estereótipos de gênero evidenciados pelas crianças.

Contudo, uma análise pormenorizada das respostas de cada criança revela que houve algumas alterações nos pontos de vista das mesmas sobre as características que associam a cada personagem nas questões “Coloca um X na personagem a que achas que corresponde cada característica.” e “Faz o mesmo para estas personagens.”, notando diferenças na atribuição de determinados traços que poderão significar o início de uma desconstrução de pensamento relativamente aos estereótipos de gênero.

REFERÊNCIAS

Amâncio, L. **Masculino e feminino, a construção social da diferença**. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

Anastácio, Z. Entre gênero e sexo, o papel da sociedade e o papel da biologia. In Vilela, A.P, **Flexibilidade e interações educativas para rumos (des)iguais: Um olhar longitudinal até aos tempos da pandemia TOMO I – Conceções e Reflexões**. Braga: Cadernos, Escola e Formação. Centro de Formação de Braga/Sul, 2021. p.199-211. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353340112_Entre_Genero_e_Sexo_o_Papel_da_Sociedade_e_o_Papel_da_Biologia

Basow, S. **Gender, stereotypes and roles**. *Pacific Grove*: Thomson Brooks/Cole Publishing Company, 1992.

Bee, H. & Boyd, D. **A Criança em Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

Bogdan, R. & Biklen, S. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

Cardona, M.J. Trabalhar as questões de gênero numa perspectiva de educação para a cidadania no jardim-de-infância e na escola. **Revista Aprender**, Portalegre, n. 36, 63-71, 2015.

Cardona, M.J, Nogueira, C., Vieira, C., Piscalho, I., Uva, M. & Tavares, T.C. **Guião de Educação: Género e Cidadania 1o ciclo**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), 2011.

Matos, C.. **Laço de Seda: mente de diamante**. Lisboa: Climepsi Editores, 2019.

Coutinho, C. Aspectos metodológicos da investigação em tecnologia educativa em Portugal. *In: Para um balanço da investigação em educação de 1960 a 2005: teorias e práticas*, nº 14, 2006, Lisboa. Actas do Colóquio da AFIRSE". Lisboa: Universidade de Lisboa, 2006.

Duarte, V. Género/Gender. In: Tomás, C., Trevisan, M.J., Carvalho, L., & Fernandes, N. **Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspetivas Globais**. Minho: UMinho Editora, 2021. p. 259-267

Fortin, M. **O processo de investigação: da conceção à realização**. Loures: Lusociência, 1999.

Neto, A., Cid, M., Pomar, C., Peças, A., Chaleta, E. & Folque, A. **Estereótipos de género**. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1999.

Papalia, D. & Martorell, G. **Desenvolvimento humano**. Portoalegre: Artmed Editora. 2022.

Soares, N. Investigação-ação na educação pré-escolar: erradicar estereótipos de género. **Cadernos de Educação de Infância**, Lisboa, n. 107, p. 28-33, 2017.

Stengel, M. Perspectiva psicanalítica da identidade de género: limites e possibilidades. **Interações**, v. 6, n. 12, 117-135, 2001.

Trigueros, T., Trigueros, C., Martínez, R., Cepeda, M.J., Colmenares, C., Monge, A. & Álvarez, L. **Identidade de género na prática educativa**. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1999.

Weber, D. Identidade de Género e orientação sexual: Delimitando conceitos. In : Jerónimo, P. Weber, D., Macedo, E., Moreira, E., Gíria, J., Cunha, M., Santos, M., Rocha, M., Freitas, P., Rubio-Martín, R., Moreira, T., **Igualdade de Género: Velhos e Novos Desafios**. Minho: Direitos Humanos – Centro de Investigação Interdisciplinar (DH- CII, 2019. p.21-36.

World Health Organization (WHO). (2021) Gender and health. <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/gender-and-health>